

# FILOSOFIA COM MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA

*Marcelo Nunes Kiefer<sup>1</sup>*

## Resumo

Em 2015, três professores desenvolveram uma atividade de filosofia com moradores em situação de rua a partir do projeto “Universidade na Rua”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de refletir em conjunto sobre as suas condições pessoais e sociais, trabalhando o “dar-se conta”, a comunicação e o protagonismo para permanências e transformações dessas condições. A atividade foi desenvolvida dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre e é criticamente relatada, como experiência, neste artigo.

Palavras-chave: “dar-se conta”, permanência, transformação social.

## Abstract

In 2015 three professors developed a philosophy activity with homeless people prompted by the project “Universidade na Rua”, of the Federal University of Rio Grande do Sul, with the objective of reflecting together on their personal and social conditions, working the “realization process”, communication and the participants’ protagonism for the permanence and transformation of these conditions. The activity was developed within the Porto Alegre Municipal School of Elementary Education and is critically reported as an experiment in this article.

Keywords: “realization process”, permanence, social transformation.

## Apresentação

A Filosofia com Moradores em Situação de Rua, dentro do projeto Universidade na Rua, da UFRGS, foi uma atividade que se desenvolveu no final do ano de 2015 com a proposta de promover diálogos entre sociedade organizada e moradores em situação de rua por meio de reflexões filosóficas, do dar-se conta, com objetivo de fomentar transformações sociais através da afirmação das identidades, considerando uma sociedade mais aberta e plural e moradores protagonistas dessa construção. Participaram como proponentes o professor Fernando Fuão, da UFRGS, e os professores Luiz Ferreira e Marcelo Kiefer.

Os encontros se deram na EPA, Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre, e esforçaram-se para desconstruir a pedagogia da disciplina e considerar as habilidades, necessidades e vontades dos atores envolvidos, em uma forma lúdica de dialogar com a vida. Os moradores participantes das atividades eram também alunos da escola, e a atividade de filosofia inseriu-se em seu contexto.

A escola

A EPA é uma escola criada em 1995 para dar atendimento especializado a pessoas em situação de risco social e pessoal, com objetivo de lhes oferecer ressignificação de vida por meio de uma emancipação pessoal e social. (EMEF, [2017]).



Figura 1 - Portão de acesso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre. Centro de Porto Alegre. Autor: Marcelo Kiefer.

Com uma proposta consonante em resultados expressivos, a escola oportunizou que a atividade de filosofia se realizasse com moradores em situação de menor risco social e pessoal, com outro posicionamento e positividade em relação às suas condições anteriores e se comparadas a outros casos de moradores em situação de rua de Porto Alegre, com capacidade mais elaborada de diálogo e reflexão. Por outro lado, entre os moradores também se manifestou o discurso ensaiado, como repetição automática de questões trabalhadas, algo mais superficial que serve de máscara para o aprofundamento das questões mais pessoais e obscuras, permitindo a sobrevivência do morador em situação de rua em um ambiente ainda não tão natural como lhes parece o de uma escola. Trata-se, possivelmente, de uma certa disciplinação institucional e de uma autoproteção para desempenhar um papel consonante, aprovável pelo meio, bem como uma forma de evitar uma exposição e um enfrentamento imediato e profundo com seus espectros.

A atividade de filosofia se deu, portanto, fora do ambiente de cada um dos moradores, o que os coloca em maior fragilidade, ao mesmo tempo em que lidou com sujeitos que não estavam em sua condição mais extrema de marginalização, facilitando a conexão entre eles, com os proponentes da atividade e a apropriação da filosofia.

<sup>1</sup> Bolsista CAPES/FAPERGS de Pós-doutorado no PROPAR/ UFRGS em Preservação e Transformação social. E-mail: marcelo@kiefer.com.br



Sem o ambiente e os reflexos de realizar a atividade na EPA, a filosofia com moradores em situação de rua certamente seria mais trabalhosa e demorada de se estabelecer, ainda que os resultados pudessem ser mais intensos e relevantes no desenvolvimento do processo, ampliando esse trabalho social relevante para os moradores e para a sociedade.

A atividade seria mais trabalhosa e demorada porque lidaria com sujeitos fora de uma instituição, exigindo um deslocamento de realidade e de valores maior dos proponentes, e porque os moradores estariam em outra condição, mais crua e introspectiva em relação aos abandonos pessoais e sociais, exigindo uma ação ainda mais profunda e cuidadosa de contato e reflexão. Os resultados seriam mais intensos e relevantes, por sua vez, pelos mesmos motivos, pois se atuaria onde a necessidade é maior e onde a institucionalização ainda não exerceu influência.

### As atividades

Nas atividades, a aproximação entre moradores e moradores e proponentes era fundamental para estabelecer disposição e envolvimento dos atores para falar de suas reflexões pessoais com menor constrangimento, despeito ou alguma outra amarra que tornassem o fazer filosófico inviável naquela proposta. Para tanto, esse deslocamento e desconstrução para a atividade, e como sendo já a própria atividade, não poderiam ser solicitados e esperados apenas dos moradores pelos proponentes, de forma unilateral, sendo também fundamentalmente requeridos dos proponentes.

Na prática, à medida que se estabeleciam conexões, e apesar do sentimento de exclusão comum que constrange os moradores de se colocarem, esse deslocamento

foi cobrado como exigência de legitimação das reflexões de cada um dos proponentes em diferentes momentos. Só poderia haver atividade havendo encontro, e para isso os moradores questionavam e provocavam, determinando um lugar de condição de relacionamento mais horizontal, que solicitava o deslocamento dos proponentes a estarem mais próximos dos universos dos moradores.

Apesar das personalidades e vivências dos três proponentes serem diversas, todos estavam ali sob condição parecida para os demais, ou seja, não moradores em situação de rua e propondo atividades como professores através de uma escola. Fazia-se necessário desconstruir as posições socioeconômicas e culturais estabelecidas e imaginadas, assim como desmanchar qualquer possibilidade de entendimento hierárquico, sem, no entanto, ignorar a realidade constituída, que influencia a todos e é argumento da própria atividade como objeto de questionamento e de transformação.

A filosofia, nessa atividade, estava comprometida em incentivar a prática da desconstrução (Derrida, 2009) de valores sociais e pessoais como forma de construir teórica e praticamente novas experiências e relações, reescrevendo e valorizando as histórias e identidades pessoais, trabalhando a linguagem que, segundo Heidegger (2016), funda o ser. Buscou-se promover uma reflexão de empoderamento, de respeito e diálogo com o outro, de interação e de transformação social, em que o pensar, o escolher, o desejar de cada um (sejam quais forem) pudessem ser construídos de forma autônoma e legítima (não orientadas ou em uma forma de vida imposta), em que cada sujeito pudesse se colocar ao mesmo tempo em que recebe o outro, sem subjugar ou ser subjogado, sem marginalizar ou ser marginalizado, enquanto trabalha as questões pessoais, consequentes ou não das condições sociais. Em acordo com Comte-Sponville (2001), filosofar para ser feliz. Assim, procurou-se realizar um trabalho em que do diálogo com a sociedade e consigo mesmo não se estabelecesse um recalque ou uma simples revolta, nem tampouco uma resignação inconteste, mas uma interação crítica para transformar e permitir lugar para todos os sujeitos e ideias – um discurso de solidariedade, de equidade, amoroso e pleno, conforme Boff (2006).

As transformações pessoais e com a sociedade não significam, no entanto, que a vida de cada sujeito deva ou vá ser muito diferente do resto da sociedade ou de sua vida atual, o que irá mudar é sua condição, sua autoestima, e a forma como esse sujeito vai relacionar-se com os outros.

Trabalhar as questões sociais que oportunizam que a exclusão, a miséria, a exploração e a indiferença façam parte do nosso cotidiano pode devolver a dignidade e o protagonismo dos moradores em situação de rua, como nesse caso, mas também para outros sujeitos em condições análogas de marginalização, tratando simultaneamente da dignidade e da sanidade de toda a sociedade.

Os moradores em situação de rua talvez sejam os mais sensíveis à sociedade como ela se apresenta, sucumbindo, de maneira quase indefesa, aos problemas de relacionamento, uso de drogas e regramentos que se impõem e que atendem diferentemente aos sujeitos, com determinados valores, possibilidades e oportunidades excludentes. Dessa forma, muitos encontram na rua, como fuga, liberdades e acolhimentos não encontrados anteriormente. Não que essa vida seja fácil e sem perigos, mas é nela que os moradores em situação de rua conseguem conviver com sua autoestima (apesar de todo o peso que carregam pelos problemas antigos e pelas vontades e saudades sufocadas) e é nela que encontram estabilidade e posição. Moradores em situação de rua são exilados na própria cidade, refugiados da vida familiar e social, mas são também aqueles que vivem mais próximos à cidade.

Através da reflexão de sua condição de vida atual e de sua vida anterior, cada sujeito,

como morador em situação de rua, pode desconstruir sua imagem e posição de marginalizado, reconhecendo aquilo que lhe é de valor, aquilo que lhe enraíza e lhe abriga, entendendo que é tão importante quanto os de quaisquer outros; e a partir de então dialogar e transformar (como deveria também toda a sociedade), reescrever seu passado e seu futuro; protagonizar-se.

Dentro da sala, muitas experiências marcantes foram relatadas e vivenciadas – reflexões profundas e maduras que surpreenderam os propositores das atividades, em parte pelo fenômeno em si, que talvez seja um tanto raro em qualquer meio, mas também pela beleza do processo de dar-se conta e de como isso se manifesta; e em parte pela insistente e indesejada arrogância dos proponentes, que, por mais que trabalhem para isso, subestimam a potência existente não só nesses, mas em todo ser humano, independentemente de sua condição e formação. E, ainda, em parte pela maturidade emocional de alguns, que é quase infantil, de tocante inocência, e que se alia a uma baixa escolaridade (a despeito do aprendizado de vida), que, no olhar que pode ser homogeneizante dos proponentes, determina uma expectativa de pobres contribuições. No entanto, as características dos frequentadores das atividades de filosofia eram bastante diversas, não só em maturidade, como em formação e capacidade de articulação.

As atividades utilizaram como referência e fundamentação teórica filósofos como Heidegger (2016), Foucault (2004) e Derrida (2003), Leonardo Boff (2006), Comte-Sponville (2001), bem como influências de Pierre Verger. Os filósofos foram utilizados não somente de forma direta, da leitura e da interpretação de seus textos (forma muito pouco utilizada), mas como forma de disparar as reflexões e também, em processo, como exercício de desconstrução. Em cada encontro, um tema serviu como referência para o início da atividade. No primeiro encontro, em 22/09, perguntou-se: Estar na rua... é possível ser feliz? Em 29/09, o tema foi: O que vale a pena ser? Como gasto meu tempo? Em 06/10, questionou-se: Onde vamos abrigar nossos sonhos? Em 13/10 tratou-se dos desejos e possibilidades: Está para vir... está chegando! E em 20/10, o tema baseou-se em: Como eu me sinto estranho? Como vejo o estranho? O que é o estranho? Nos demais encontros, em 27/10, 03/11, 10/11, 17/11 e 24/11, as reflexões partiram dos resultados dos encontros anteriores. Em alguns encontros foram propostas dinâmicas a partir das reflexões, como forma de encenar e trazer uma apropriação crítica das discussões e do processo da atividade proposta; como, por exemplo, a dinâmica desenvolvida em dois grupos para representar de forma livre como pode se dar a desconstrução de ideias e condições pré-estabelecidas, e a diferença em relação à destruição ou ao não enfrentamento.

Em todos os encontros, apesar da orientação dos temas e da fundamentação teórica, as reflexões não foram limitadas pela estrutura proposta, permitindo que todos os participantes pudessem se apropriar da atividade, tornando-se protagonistas de suas próprias reflexões, enquanto também dialogavam respeitosa e abertamente com os demais (ainda que, de forma mais rara, também tenham ocorrido discussões mais acaloradas e embates um pouco mais tensos). Nessa dinâmica, pôde-se trabalhar a hospitalidade e a hostilidade em Derrida (2003).

As conexões que se formaram e as reflexões que se construíram foram suficientes, apesar da rotatividade dos alunos durante o período e da dificuldade para fazer retornar nas semanas seguintes grande parte daqueles que participaram das atividades. Na EPA, dada a pedagogia pensada para moradores em situação de rua e a condição menos domesticada e institucionalizada desses sujeitos, os alunos não são compelidos e cobrados a frequentarem assiduamente as atividades escolhidas, mas convidados, nem tampouco a manterem-se em aula durante todo o período programado pelos proponentes das atividades. No caso da filosofia com moradores em situação de rua,

assim como outras atividades que aconteciam em paralelo, o período era dividido em dois, com intervalo de descanso e lanche para todos (depois do qual a maioria estava mais sonolenta).

Muitos moradores mostraram interesse e envolvimento nas atividades de filosofia a ponto de bons momentos serem criados. Ainda assim, o ritmo das atividades foi relativamente lento e dispersivo, e o número de encontros insuficientemente duradouro para um desenvolvimento mais profundo das reflexões (era difícil iniciar as aulas, demorava-se para se formar uma turma, mesmo chamando individualmente cada morador). Com o tempo, mesmo que a dispersão aumentasse ou se mantivesse (ainda que pudesse também diminuir com a intensificação dos vínculos e com o aprimoramento das atividades), a prática das reflexões tenderia a amadurecer e trazer novas conexões pessoais, bem como a consolidar reflexos práticos na vida dos sujeitos.

As atividades ocorreram apenas uma vez por semana, às sextas-feiras, e os proponentes, diferentemente dos moradores, não frequentavam a EPA em outros momentos. Para um melhor aproveitamento, outras estratégias poderiam ter sido tomadas em consideração, como outro formato e ambiente para os encontros, apesar da estrutura da escola e das atividades realizadas anteriormente terem sido fundamentais para eventuais êxitos do trabalho. A atividade poderia ter uma frequência um pouco mais intensa (talvez duas vezes por semana) e continuada, associada a atividades de ocupação como fonte de sustento, trazendo, dessa forma, a vivência das reflexões e consolidação das transformações.

Durante o período da Filosofia com Moradores, algumas ações foram propostas como forma de associar a filosofia com a ocupação, trabalhando desde a reflexão e valorização do gosto por algum fazer e da possibilidade desse fazer tornar-se fonte de renda (o que foi começado em sala), até colocar esse fazer em prática. No entanto, essas ações realizadas fora da EPA tiveram baixa adesão, e a adesão repetida teve baixo protagonismo. Apesar da condição dos moradores frequentadores do EPA não ser de extrema marginalização e abandono de si, a maioria sofre com as expectativas de mudanças e com possíveis promessas de oportunidades que não venham a se cumprir. Tendem a desacreditar e, portanto, não se envolver com as atividades propostas. Dessa forma, a proposição de ações deve ser muito cuidadosa para envolver os moradores e para evitar o efeito contrário do que se propõe, reforçando a desmotivação, a introspecção e a falta de ânimo para as transformações e o diálogo.

Uma das ações tratou da montagem de uma feira para acontecer aos sábados no Viaduto Otávio Rocha, centro de Porto Alegre, em que a produção dos participantes pudesse ser vendida. Cada sujeito produziria a partir de seus interesses e conhecimentos (e cada um revelou interesses e conhecimentos, ainda que em diferentes níveis técnicos e de intensidade). No entanto, poucos participaram, montando vasos de plantas em sapatos velhos pintados ou fazendo desenho em cartões. Nessa ação, cogitou-se preparar uma decoração de natal para o viaduto, envolvendo moradores frequentadores do EPA com moradores locais. A produção dos enfeites traria ocupação, diálogo com a sociedade (através de manifestação artística e da intervenção em um dos maiores símbolos construídos da cidade) e serviria para reflexão e integração dos grupos que se encontravam em diferentes condições de vida. Logo, porém, esse projeto se mostrou muito ambicioso para o momento e para o envolvimento conseguido. A ação, como um todo, mostrou potencial, mas manteve-se superficial para os objetivos da atividade. O envolvimento maior foi dos proponentes e a atividade não durou mais do que algumas semanas, sem motivar que a feira continuasse de forma independente depois do encerramento da atividade de filosofia naquele semestre.

## Reflexão

Com o aumento do desemprego e da desigualdade nos anos que se seguiram à atividade de filosofia, a quantidade de moradores em situação de rua locais, ou seja, que se abrigam nos vãos do viaduto Otávio Rocha, aumentou significativamente. O que mostra que as condições gerais da sociedade e políticas sociais mais abrangentes são fundamentais para a aceleração mais profunda do tipo de atividade como a desenvolvida na EPA e no Viaduto Otávio Rocha, não sendo essas condições, todavia, tão determinantes que não se possa fazer algo que as amenize ou ajude a transformá-las. Não se pode esperar por mudanças de cenário a partir do macro, ainda que algumas ações e eventos possam ter essa prerrogativa, já que as questões tratadas aqui são de extrema urgência. São atividades como as propostas que promovem mais consistência, legitimidade e durabilidade para transformações sociais.

O cenário geral já é favorável quando não vai de encontro à dignidade humana. Atualmente, na contramão desse pensamento e engajado na onda conservadora atual, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul tem se empenhado em transformar a questão em um problema de “higiene”, a ser resolvido pela ação policial.

Em uma sociedade mais igual em representatividade, constituída por sujeitos que se dão conta de sua condição, que é de interdependência com o outro, talvez a macro político-econômica seja menos relevante e as pessoas mais preparadas, e a recuperação de momentos difíceis seja mais rápida. Ao mesmo tempo, uma sociedade estruturada dessa forma também tende a ser mais estável e próspera.

Em tempo, a realização plena dessas ações, como as propostas no Viaduto Otávio Rocha, entre os moradores frequentadores da EPA e moradores locais, alcançaria os objetivos da atividade, pois significariam em si diálogos e transformações do sujeito com ele mesmo e com a sociedade, mas na prática o processo estava apenas no início. Dependia-se de muitos fatores, trabalho e envolvimento para uma atividade que se deu de forma muito curta. Ainda assim, a Filosofia com Moradores em Situação de Rua se mostrou pertinente e serviu não só como esse início de processo para o desenvolvimento dos moradores, mas como base para uma fundamentação teórica a ser desenvolvida, bem como para uma continuidade, sob um olhar congruente, mas não similar às atividades propostas no EPA.



Figura 3 - Foto do Viaduto Otávio Rocha no Centro de Porto Alegre onde ocorreram atividades da Filosofia com Moradores em Situação de Rua.  
Autor: Marcelo Kiefer

Para os proponentes, a atividade e a sua continuidade se justificam no princípio de que o estudo da filosofia aguça a reflexão; de que número de moradores de rua no centro de Porto Alegre, associado à condição de vida a que estão submetidos, contraria o conceito de humanidade e cidadania; de que ação e a reflexão são dois momentos da mesma realidade; de que a condição social atual dificulta a horizontalidade como forma de vivenciar a democracia e a solidariedade como participação coletiva; de que a miserabilidade de certos grupos sociais oportuniza o surgimento de grupos marginalizados e descomprometidos com o bem comum; de que qualquer sociedade é a construção das nossas ações e valores e qualquer desconstrução depende de nós; de que homens e mulheres, como seres sociais, perdem o referencial quando não reconhecem seus próprios valores e não se identificam com a sociedade e, sendo assim, devem sentir-se livres para se reconhecerem e dialogar; de que os moradores de rua do centro de Porto Alegre são pessoas capazes de refletir e serem protagonistas de sua história; e de que a Universidade tem o compromisso de ser mediadora da construção do conhecimento e da consciência crítica, esteja onde estiver.

Em 2016, a Filosofia com Moradores em Situação de Rua teve continuidade como atividade do projeto Universidade na Rua (apresentado em Fuão, Dover e Cidade [2017]), fazendo o papel de integrar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que é pública, com a sociedade nas questões que lhe são mais significativas.

## Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. *A força da ternura. Pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

EMEF Porto Alegre. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/index.html>>. Acesso em: 22 maio 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

FUÃO, Fernando; DOVERE, Themis; CIDADE, Daniela. *Universidade na Rua*. Porto Alegre, 26 maio 2017. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com.br/2017/05/universidade-na-rua.html>>. Acesso em: 17 maio 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. São Paulo: FAUUSP, 2016. Disponível em: <[http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger\\_construir\\_habitar\\_pensar.pdf](http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2018.